



ENSINO DE HISTÓRIA E CINEMA: O CINECLUBE COMO MÉTODO DE FORMAÇÃO E AGENTE HISTÓRICO.

Francisco Wagner Ribeiro¹

Universidade Regional do Cariri-URCA

E-mail: wagnerjaguar05@gmail.com

Paula Cristiane de Lyra Santos²

Universidade Regional do Cariri-URCA

E-mail: profpaulalyrasantos@gmail.com

A Grande batalha contemporânea para o ensino de História implica em enfrentar um adversário que apresenta dupla face, a saber, a indiferença e o exagero espetacularista que circunda e permeiam as grandes narrativas e também os grandes personagens históricos. Heróis, grandes vultos e referências que chamam atenção do grande público e, interessados por história em geral, são as diretrizes para o ensino, não obstante um lumiar de novas perspectivas e abordagens metodológicas para fazer irromper novas interpretações acerca da relevância da história.

A primeira face, que a identificamos com a indiferença, apresenta consequências empíricas, pragmáticas, pois sua repercussão se dá no momento mesmo do exercício das aulas, propriamente ditas, se espalham para outros âmbitos da vida dos discentes, os quais têm dificuldades de compreensão do contexto histórico e espacial no qual estão inseridos e também em muitas situações percebem os conteúdos e abordagens da disciplina como algo maçante e desestimulante.

¹ Mestrando do Mestrado em Ensino de História – Universidade Regional do Cariri-URCA - Rede ProfHistória. Professor de História da Rede Municipal Básica de ensino desde 2016 na E.E.I.F. Manoel Olímpio de Oliveira –Jardim - CE. E-mail: wagnerjaguar05@gmail.com

² Professora doutora do departamento de história da URCA. Professora Orientadora do Mestrado ProfHistória– URCA. E-mail: profpaulalyrasantos@gmail.com.



Ora a indagação oportuna decorrente dessa constatação é: Como torná-la (a história) atrativa? Seria um pouco autoritário e arrogante dizer uma receita para tal problema, todavia, talvez seja útil refletir sobre a pluralidade de características através das quais se esconde este fastio pela história.

Nessa perspectiva podemos vislumbrar que a sala de aula, ou até mesmo a escola enquanto instituição, é o reflexo de um mundo social pautado por interesses de mercado, os quais prevalecem e se estendem sobre todos os aspectos da vida. Tal qual o Rei Midas, figura lendária, que ao tocar em objetos e pessoas, tudo transformava em ouro, assim também é a postura mercadológica contemporânea que fisgou também o ensino de maneira geral e, certamente a história não ficaria como exceção às regras do jogo da reificação, isto é, o contexto atual esvazia o sentido do ensino de história.

A denúncia da indiferença apontada acima é ela mesma uma ação que destoa dessa apatia, é colocar em questão, outras possibilidades de compreender e verificar a presença da história no cotidiano. A história processo efetivo e história-ciência podem ser plasmadoras de existências sociais mais livres e autênticas. E isso nos obriga a pensar ou indagar “de que autenticidade se está falando”?

A pergunta retórica a esta altura da reflexão parece ironia, embora, esta figura de linguagem possa abrir caminhos para novas reflexões e flexibilizar nuances hermenêuticas de narrativas e práticas com as quais se está tentando dialogar, ou refutar, todavia a autenticidade presente na história estaria na compreensão do dinamismo social e humano que flagra e registra modos distintos de ser no tempo e se expressa através das construções simbólicas, materiais, axiais e afetivas, enfim do universo humano que se inaugura e reinaugura de tempo em tempos.

Para flagrar esse processo que apontamos de forma generalizante, convém citar uma metodologia concreta para ilustrar melhor um projeto de autenticidade e relativa eficácia quanto às práticas e ensino de história. Estamos nos referindo ao método cineclubista que corresponde em comunicar, a partir das telas do cinema, uma série de valores, práticas e movimentos sociais e políticos da atuação humana em geral.

Esta metodologia associada à iniciativa crítica de quebra da rotina das aulas, pode ser uma expressão, da indústria cultural, todavia pode conter uma potência criativa



que possibilite aos discentes compreender que o próprio cinema é um instrumento inscrito nas coordenadas do tempo histórico, bem como sua maneira de realizar-se, fazer-se, isto é, o cinema é algo do empreendimento humano e pode servir como espelho destoante na nossa realidade social ou aproximar-se dela pela via crítica comparativa que expressa diferenças, desigualdades, semelhanças e nos faz pensar que a realidade social, política e histórica é construída pela própria atuação humana.

Assistir e questionar as representações comunicadas pelo cinema, entender que a própria escolha de um roteiro e feitura de seu enredo, bem como, a compreensão da própria aparelhagem e os recursos mobilizados para a feitura do filme, já torna o discente um sujeito ativo e ciente das forças e interesses que podem marcar de forma decisiva uma produção cinematográfica.

O presente artigo visa, portanto, apresentar o resultado de experiências e práticas em sala de aula sobre a História, a partir da linguagem do cinema, suas representações e concepções políticas, sociais e ideológicas comunicadas para “entreter”, mobilizar, politizar ou “despolitizar” o público em geral, além de discutir a necessidade premente de se compreender a relevância da busca de métodos e práticas que façam da História um saber atuante e reflexivo de uma atividade política crítica expressa através da percepção, compreensão das intencionalidades contidas em projeções fílmicas. Objetiva, ainda, descrever as condições possíveis do cinema como agente histórico e pedagógico também vinculado às intenções sociais e representações ideológicas de seu tempo. Nesse espectro de intencionalidade o artigo também destaca a prática metodológica como um instrumento, não somente epistêmico, mas, sobretudo, ético - pois insiste na possibilidade crítica do exercício da história e seu ensino para combater a indiferença quanto ao seu estatuto de agente de transformação social e um meio entre outros de construção de identidade e subjetividades comprometidas com promoção de um mundo menos injusto e mais livre no que concerne às relações entre os homens.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de história; ensino e cinema; cine clubismo

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



CAPELATO, Maria Helena et al (Orgs). História e Cinema: dimensões históricas do audiovisual. São Paulo: Alameda, 2011.

XAVIER, Ismail. (org.). A experiência do cinema: São Paulo: Editora Graal, 2003.